

A FLORESCENCIA

JORNAL LITTERARIO

Redactor-Chefe: JOSE' JORGE DAS NEVES



Redactor-Secretario: A. T. GRAÇA

ANNO I

S. PAULO, DEZEMBRO 1916

NUM. 6

EXPEDIENTE

"A FLORESCENCIA" é publicada em fins de cada mez e em dia indeterminado.

ASSIGNATURAS

Anno	2\$000
Semestre	1\$000
Numero avulso	\$200
Atrasado	\$300

Redacção e Administração:

RUA DA PONTE PRETA N. 30. BRAZ

Toda a correspondencia deve ser dirigida a José Jorge das Neves, Redactor-Chefe.

Não se devolvem os originaes embora não publicados.

São Redactores auxiliares desta folha os Srs. J. H. Coelho de Araujo, Antonio Pinto Braga e Italo Adami.

Concurso Litterario

Continúa aberto o concurso litterario que, pela concorrência despertada no antecedente, abrimos nesta folha.

Consta do seguinte: compor um «conto» sobre qualquer thema, porém, que não seja muito longo, pois, ao classificado em primeiro lugar offereceremos o livro de contos «Jardim das Oliveiras» de Coelho Netto.

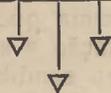
Os trabalhos serão julgados por uma commissão, cujos nomes publicaremos depois nesta secção.

O presente concurso será encerrado com o nosso 7.º numero.

Os trabalhos devem vir separados de qualquer outro escripto e com a declaração «Para o concurso litterario».

O NOSSO CONCURSO

— I —
2. LUGAR



MORTA!

A memoria de Maria de Vargas Cavalheiro

Foi numa noite tenebrosa e fria
Como as trevas feraes da desventura,
Que eu a vi, no alvo leito, qual Maria
Crucificada no auge da amargura.

Ha pouco ainda, a vida lhe sorria,
Amando e sendo amada com loucura.
Porém, a sorte ironica, sombria,
Destruira os castellos de ventura!

Vendo morrer os sonhos de donzella,
Supremo pranto, acerbo, amargurado,
Rolou tremente pelas faces della...

E a bella joven de risadas francas,
Morreu chamando o ente idolatrado,
No leito virgem, de cortinas brancas...

Nathercia Vampré de Andrade

O NOSSO CONCURSO

No concurso de sonetos, que muito interesse despertou aos jovens apreciadores da Musa, coube o segundo lugar a gentil Srta Nathercia Vampré de Andrade, sobrinha do illustre jurisconsulto Dr. Spencer Vampré.

Esta distincta Srta, não teve occasião de collaborar nos nossos primeiros numeros, mas sciente do concurso que abrimos, sendo amante da Musa, concorreu com um soneto, cujo estylo dá idéa da sua fecundidade litteraria.

Coube-lhe a gloria, portanto de

ser o seu soneto classificado em segundo lugar, pelo illustre Dr. Arthur Bittencourt e outras duas pessoas também competentes, cujos nomes deixamos de publicar a pedido das mesmas — por modestia.

O soneto classificado é o que se acha acima e confirma o talento, o saber da distincta Srta.

A Redacção

N. B - No proximo numero publicaremos o soneto classificado em terceiro lugar.



NATAL

A Liz

Bronzes expressivos! Despertaes desse profundo lethargo e vinde saudar em celestiaes accordes a noite natalicia do Messias!

Vede que o luar argenteo das alturas do céu banha o alvo campanario em que habitaes! Vede e despertaes sem demora! Entoaes o grande hymno original, canto sublime e inegualavel, feito de melopéas, doces, divinaes!

Chorastes demasiadamente a finados, em novembro, desprendeis agora as badaladas jubilosas, notas abemoladas, vibrantes, que nos arrebatam a alma em dulcissimos transportes!

Minha voz assim se perde na amplitude indefinivel de purissimo céu bordado de astros fulgurantes... mas as campanilhas não attendem aos meus appellos e continuam mudas, indifferentes...

Um gallo, entretanto, evocando a alvorada radiosa, canta solitario... Então as torres ermas, agora acordam festivas e febris ao bimbalar estridulo dos sinos.

E' que, o arauto das madrugadas, naquella canção inspirada e desprerenciosa annunciava eloquentemente o nascimento de Jesus... E as almas experimentam algo de mysterioso aos sons reveladores do Natal...

E como na primavéra desabrocham as boninas delicadas, abrem-se presepes magnificos rememorando o nascimento do Rabbino de Judá.

Em humilde leito, forrado de palhas, na tosca mangedoura repousa risonha e serena creança.

Bethlem! Bethlem! recebe, acolhe o recém-nascido que será o maior dentre os maiores!

Bronzes expressivos! Cantae com os passaros! Elevae as vossas vozes mysteriosas com as suaves emanações do incenso ao Ethereo Paraiso e vinde saudar em celestiaes accordes, a noite natalicia do Messias, murmurando: Natal! Natal! Natal!

Santa Isabel, Dezembro, 1916.

Dalila Brandão

O rico e o pobre

— És acaso feliz, Carlos?
— Não és tambem, Alberto?
— Não se trata de mim; perguntei-te se és feliz, não para receber de ti a mesma interrogação; porém, como teu amigo, sem predesejo a tua felicidade.

— Já calculava essa resposta; sempre o mesmo homem, reservado e frio.

— Respondes ou não?
— Ora! pois não me vês sorrir, fallar com bom humor, obrigando-te a compartilhar commigo na alegria que sinto?

— Como as vezes, as apparencias enganam, temia que se desse o mesmo em relação á alegria que se ostenta em teu semblante...

— Não, realmente não estou fingindo; o sorriso que vês nos meus labios, é puro...

— Se assim é, dou-te os meus parabens, pois reconheço que, na realidade és venturoso e feliz...

— Obrigado Alberto.

São dois jovens que fallam; um em plena exuberancia duma mocidade risonha... No muito pode contar vinte e tres annos; é bello e rico. O outro tambem no viço d'uma juventude... não de prazeres e flores, mas vivida em sonhos, scismas e illusões... Parece mais velho que o seu amigo, sendo porém, mais moço em annos; conta apenas vinte primaveras; é pobre, pallido, melancolico e infeliz...

Depois de alguns momentos de silencio, Alberto, o pobre respondeu.

— Não era de esperar outra coisa, visto que: és bello, és moço, e... és rico...

— Não és bello? não és joven? e além disso, não és intelligente?

— De que e para que vale a intelligencia? a belleza? a mocidade?...

— O que vale então?

— Ora, Carlos! serás tão innocente ou pretencioso, que julgues ser a tua juventude, a tua educação, o teu perfil, que faz com que sejas querido, feliz?

— Não vejo outro motivo.
— Porque não queres ver ou pretendes fazer-te de desentendido.

— Tão pouco valor me dás, julgando que a minha pessoa não possa inspirar sympathia?! — ...

— Sei o que vales, igualmente não desconheces que, gosto pouco de elogiar quem quer que seja em

sua presença. Portanto...

— E' verdade. Porem, qual é o motivo que, faz que eu seja ditoso?

— Pois bem: satisfaço-te, é unica e exclusivamente a tua riqueza..

— Sempre a mesma ideia; sempre o mesmo modo de julgar a humanidade.

— O que queres então! Porque não sou como os ricos, que teem alegria, felicidade e honras?

— Por tua culpa. E' simplesmente porque não queres; porque és pessimista, excentrico, egoista, descrente.

— Donde vem o meu pessimismo? Não é do resultado do meu modo de julgar e ver os homens, as cousas, a sociedade, as paixões humanas?

— Este teu juizo sobre a sociedade, é erroneo, é ôco, sem base, sem fundamento; vês as cousas sempre por prismas diversos, creados e fundados pela tua imaginação enferma...

— Erronio, ôco, sem base, sem fundamentos, porque?

— Simplesmente porque existem pobres que são felizes, e não descreem dos homens, de todos, talvez de Deus!

— Não há regra, sem excepção; e seria louco, quem quizesse alterar ou supprimir tal preceito.

— Pois insisto, sem discutir, no meu proposito de não reconhecer o que dizes e chamar de louco, sem forma nem estrutura logica, o teu pensar sobre os homens e as suas acções.

— Como quizeres: dissesstes que é sem base nem fundamento o meu juizo sobre a humanidade; não vou em contrario. Tens a tua ideia e eu tenho a minha. Não posso nem pretendo convencer-te do que affirmo; e da mesma forma, não tens e jamais terás a força de fazer-me reconhecer a tua maneira de comprehender as cousas do mundo...

— D'ahi?

— Tira-se a seguinte conclusão.

— Qual?

— És feliz, bello, querido, conhecido, e além de tudo, rico!... Sou infeliz, pobre, ignorante, e triste! Tens tudo o que queres; não tenho coisa alguma, do que almejo.. Brincas, ris, divertes, aproveitando a tua mocidade venturosa, sem uma contrariedade, um pezar. Ao contrario, trabalho, medito, vello, soffro e choro, não conhecendo uma hora de prazer, um consolo sequer, ao meu tormento...

— O que mais?

— Porem, se alguém me offerecesse o que tens, a tua alegria, o que sentes, as tuas ideias, a tua riqueza, enfim, todos os bellos dotes de teu ser esclarecido e culto, em troca do nada que possuo, não hesitaria um momento, e simplesmente responderia: quero a tristeza, a solidão, o silencio e a pobreza; quero somente que Deus não retire de mim, e sempre me conserve, tudo do nada que tenho hoje...

Coelho de Araujo

S. Paulo.

PRANTO E RISO...

(Ao Am. Juca)

... Partiste... o dia éra tristonho! A atmosphera embaçada, tepida, pronunciava borrasca.

No espaço, lá no alto, muito alto, nuvens pardacentas perlustravam em bandos desorientados, ofuscando a luz.

Tudo era sombrio.

Nem no canto do passaredo havia festa, nem no desabrochar das flores, havia encanto!...

Tudo era tetrico. Um vento insidioso meneava mollemente, languorosamente as verdes franças das arvores.

A fonte, compassiva, soluçava ais tristissimos que traduziam a dor de um adeus!...

Partistes e levaste contigo coração e aim de teu cantor, deixando-lhe em troca a saudade somente!...

E elle seguiu-te os passos, até onde pode, e acompanhou-te com os olhares, até onde lhe permittiu a vista!

Na retina de seus olhos, ficou gravada a tua imagem e no seu pensamento, indelevel, a tua lembrança!...

Partiste!...

E ao te perderes de vista ao longo da estrada, o teu cantor suspirou dolorosamente!...

Sentindo o coração a estertorar dentro do peito, elle se poz a observar a melancolia do dia, a contemplar as nuvens pardacentas que toldavam o azul, a escutar os gemidos da fonte, o canto enternecido das aves e sentindo tudo pezaroso, chorou amargamente!...

Os dias se succederam e com elles as estações do anno, obedec-

ram o seu itinerario interminavel...

Passou o inverno, vem a primavera, mais tarde o verão, o outomno e volta de novo a estação do frio...

Um dia annunciou-se o teu regresso...

Tudo sorriu!

Apezar de não ser a estação das flores, os olhos do teu aêdo viam a terra coberta de lindas rosas e bromelias...

As poucas aves que affrontavam os rigores hybernaes trinavam docemente, enchendo os ouvidos do teu cantor de suaves melopéas!...

E elle vendo a natureza em festa, bemdisse os ceus e sorriu alegremente...

F. Arantes

Santa Isabel

Nós e o "O Municipio" de São João da Boa Vista Intriga - Inveja - Covardia

Tout le monde veut avoir un ami; personne ne s'occupe d'en être un

Jean Alphonse Karr

Embóra pensemos estar bem socegados, gozando as delicias da paz eis que surge a discordia, tecida naturalmente, por individuos de maus instinctos, baixocaracter, enfim, possuidores de tudo quanto ha digno de lastima.

Ficarão atonitos os nossos amaveis leitores, quando nos lerem, e por certo pensarão que vamos pizar no nosso programma, para atacarmos, desmoralizarmos os nossos semelhantes.

Não, mas esta vez talvez seja seguida por outra, pois somos forçados; coagidos a nos defender de um individuo sem escrupulos, um cretino, sujeito sem brio, sem pejo, que nos intriga nos tem inveja e não obstante isso é um covarde, indigno do meio social em que vive.

Eis tudo:

Soubemos pelo distincto orão de São João da Boa Vista (E. de São Paulo) o "O Municipio" que um individuo que perambula pelo mundo como um cão leproso, adquirindo um numero do nosso desprezencioso jornalzinho, o enviou áquella Redacção com os seguintes di-

zeros, em manuscrito, á margem:

— "Pede-se não mandar o municipio para esta redacção bem assim não mandar para o Sr. Alfredo Graça" — Os redactores, — "pontuação aquelles redactores não conhecem)"

E numa outra margem mais os seguintes dizeres, tambem em manuscrito: — Não gueremos "Municipio"

Ora calculem os leitores que, alem de ter usado dos nomes que formam esta redacção (que nada lhe deve) pois que não contrahe dividas, ainda escreveu o verbo "querer" com "g" para zombar daquella redacção e ainda pediu que suspendessem o jornal para o nosso Secretario Sr. Alfredo Teixeira Graça.

Será digna da Sociedade essa pessoa? Não, porquanto seja uma figura peçonhenta.

Não, repito, primeiro, porque se usou do nosso nome, de redactores, para nos fazer mal, usará de firmas alheias para peores males e, segundo, porque se falsifica letra (*manuscripto*) falsificará letras de cambio, dinheiro e outras cousas mais.

Nós nos irritamos, quando lemos o "Municipio" numero 562, por vermos o seu D. D. Rodactor-Chefe, chamar de grosseiros, o nosso Chefe sr. José Jorge das Neves e o nosso Secretario sr. Alfredo Teixeira Graça, mas agradecemos a comunicação e desculpamos a palavra, porquanto a grosseria deve ser recebida grosseiramente.

Escrevemos áquella Redacção, a qual em um brilhante artigo cujas epigraphes são: Nós e a "A Florescencia" de São Paulo — Concepção de planos diabolicos — Rumores de despeito mal contido — Firmas reconhecidas por tabellião," no numero 563, feriu o peçonhento trahidor que «conseguiu por um momento implantar a discordia entre esta e aquella redacção».

E isto é machinado pela inveja, que a distincta collega desenvolve no seguinte trecho: — "Sentir prazer em forjar uma intriga etc... é estar sempre com a lamina de um punhal voltada contra o peito daquelles que, por possuirem algumas boas qualidades ou superioridade intellectual tornam-se-lhes antipathicos".

E tambem exemplificou-a com a fabula: "A Vibora e o Pylampo".

Veem por ahi os nossos leitores que, apezar do nosso modesto jornal não cogitar da vida alheia e não contrahir dividas de especie alguma,

tem quem cogite fazer-lhe mal, mas, não passa de infame, esse trahidor esse "tio do mexicano" que quando descoberto, merecerá a punição do art. 301 do Cod. Crim. antigo, que corresponde ao art. 379 do novo e que diz: Usar de nome supposto ou mudado, ou de algum titulo, distinctivo ou condecoração que não tenha. "Penas de prisão por 10 a 60 dias e multa correspondente a metade do tempo."

X X X

Orgulho.

A Snrita. Adelia

*Gloire, jeunesse, orgueil, biens
que la tombe emporte!*

Victor Hugo.

(Chants du crépuscule).

Eis do pensamento humano a mais crua e a mais sã verdade.

Sim, porque se formos analysar todos os factos e ironias da vida, ver-se-a que os costumes que adquirimos desde a mais tenra idade e que contribue para a degeneração do character embryão, mais tarde torna-se o toste do homem na sua formação de transformismo.

D'entre elles o que mais alto se levanta, o que mais nos perde é o orgulho que nos faz fechar os olhos deante dos sentimentos sensatos e que leva aquelle que o possui, de encontro as syrtes da deshonra, ultrajando as signas dos nossos ascendentes.

Dirá alguém: — "E' muito facil

sanar esse sentimento."

Concordo. Mas talvez seja por algumas horas.

Porque poderá um vexillario do orgulho nas horas em que se não vê rodeado do fausto que lhe anime meditar.

Das suas reflexões, concluir, pegando se tiver a mão, uma caveira, que, tudo quanto de arrogancia se vê por ahi, não vale nada.

Todos, seja nobre ou plebeu hade se tornar n'aquelle objecto que, salvo aos discipulos de Hypocrates e de Galeno é desprezível, medonho com toda a realidade que encerra.

Após essa hora de boa phylosophia, revolve-se por entre as sybaritas empunhando o thyrsgigero e esquecido fica o seu bom pensar

Salvo, se, um dia o frio da desgraça o attingir, então olhará com enfado no espelho, a fronte que outr'ora usou cartola.

Por isso aquelle que da riqueza conhece os esplendores, não deve levantar com arrogancia a cabeça, deante de infortunados, porque nem sempre hade na vida, passar em branca nuvem.

Gloria, mocidade, orgulho, tudo leva-os a sepultura e o vento no perpassar dos seculos.

Talis vita, finis ita.

Manoel Mendes

N R.

No trabalho deste autor no nu. p. p.

A' alguém; falta este pequeno periodo: *Sahi de casa e, sempre apouquentado por hypocondriaca tristeza, dirigi-me a um café.*

Depois, segue-se: — *Ahi me achei a gosto, etc.*

DIVAGAÇÕES

Quando o coração treme em teu peito, quanto mais veloz e quente é o sangue que te corre nas veias. tú estás apaixonado, tú és poeta! Então, navegas nos espasmos sem limites, na luz deslumbrante, em uma nuvem aurea, fascinado por uma mysteriosa potencia de mil vozes divinaes!

* *

Pallidas, ingenuas donzellas que estais para entrar no caminho da vida, porque procuraes com a mão no coração comprimir o palpar violento? Porque córaes de repente?

Qual chiméra esplendida vos extasia? E' talvez' o ideal secretamente querido, a imagem divina da vossa poesia juvenil?

E' o amor é o amor que vos fáz desfallecer e palpar; é o amor que vos domina, oh! pallidas donzellas...

E vós, jovens á quem a vida sorri, o que procurais o que escruteis no longiquo horizonte dos vossos sonhos? E' a nuvem rosca que se aproxima de vós?

E' a primeira estrella que brilha no céu azul da vossa juventude? E' o primeiro raio de esperança que ávidamente procurais? E' talvez a gentil apparencia de uma jovem bella, d'uma virgem candida? E' o Amor, é sempre o amor!

Oh! Amor, Deus irresistível, Deus potente, conta os teus subditos:

— A immensidade da criação —

I. - A.



PENELOPE

Por COSTA MACEDO

A gente que agasalhava, por certa questiuncula que tivera havia bons annos com or Arronches, deu-lhe d'opinião que não devia casar com Guilherme, espelhou com scentelhas de o enterrar, a pobreza e a doídice d'elle. Mas, Delfina, sob toda a sua brandura de graude indulgente, insistiu e, por um dia venereal, casou.

Ao findar de alguns mezes o velho Arronches, vendo o filho senhor do dinheiro de Delfina, quiz que elle lhe emprestasse o bas-

tante para moreadeja: como em antes de ser roubado, em grosso, por sua conta. Porém Guilherme negou-lh'o, disse que não era seu. O pae então deu a entender que se mudasse mais a mulher, e elle, que n'aquelles dias havia comprado uma quintaloria perto da pre-historica Citania, lá se foi a cultival-a com bombasticos ideaes de progresso e resolvido a deixar para sempre o lar que lhe dera o berço.

Durante quatro annos, gastos aliás, em holocaustos ao Engrandecimento, houve riso no tecto de Guilherme. Nada mais natural: além de verdejar sempre com suavidade o galho da Paz, se gizaram, ao calor dos beijos dos paes, as feições a um filho, um rapazinho bello e

edenico como poderia ter desejado mestre Solon.

De subito centuplicam em Guilherme as ancias de se tornar homem de fortuna.

E estas se acaloram enfrememente, tomam a fervura de caldeiras, quando elle vê, haurida a mór parte da herançn de Delfina pelas terras bravias da sua herdade, que, debaixo da risota arriliante dos calejados lavradores, queria transformar em searas feracissimas, em jardins maravilhosos. Debalde a esposa, meiga e esclarecida, quer arrefecer-lh'as: elle, ao contrario, quando ouve os conselhos de moderação e modestia, mais se enthusiasma.

(Continúa)



VOZES D'ALMA

No tumulto do meu mano Raulinho

Dorme creança!.. Foi-te a vida um sonho,
Leve sonho azul, d'ouro tauxiado,
Que brandamente levou-te a esse risonho
E mysterioso páramo estrelado!

N'este mundo d'enganos, enfadonho,
Pela saudade o peito acabrunhado,
De flôres mil o tumulto componho
Em que jáz teu c'rpinho immaculado!

—Mimo gentil por quem a lyra tomo!
Duraste tanto como a rosa, ou como
Em labio humano a perola d'um riso!

Deu-te Deus boa sorte, oh! cherubim!
—Pois quem dorme um tão puro somno assim,
Vae decerto acôrdar no Paraizo!

Beatriz N. Moreira

Braz, 20-11-916

Scismar dum triste

Longe de ti, amada, e longe assim do mundo,
Num tristonho scismar de quem perpassa a vida
Com o peito suffocado e com a alma partida,
Eu vivo num penar que é duro e que é profundo.

E como um condemnado ao ergastulo immundo,
A quem só resta o sonho ameno de cumprida
Ver sua pena, resta-me a mim só, querida,
A esperança de ir ver-te, em dia assaz jucundo

Mas como a vida ingrata é toda soffrimentos
Quem sabe se o que eu julgo esplendoroso dia
Não seja o portador dos mais cruéis tormentos;

Se não te encontrarei indifferente e fria,
Por a teu lado estar, como estive momentos,
Quem desse nosso Amor, só cinzas ver, queria

Antonio G. S. Garcia

DULCE

Quando te conheci e me foste ferindo,
Pouco caso fazendo á minha cortezia,
Sempre orgulhosa, altiva, ironica sorrindo,
Do soffrimento atroz que minh'alma sentia;

Quantas vezes ao ver-te anjo formoso e lindo,
O' meu sonho de amor, ó minha idolatria,
Indifferente ao meu affecto cego, infindo,
Eu implorei a morte horripilante e fria.

E assim por algum tempo eu experimentei
Dós dias e do mundo a cruel espereza
De adorar e viver no amplexo da dor.

Mas que prazer! que ardor senti quando notei
Que tão cheio de luz, de força e de pureza,
Florescia em teu peito o verdadeiro amor!

Alfredo Teixeira Graça

S. Paulo.

ESTRELLA DE AMOR

Só, como á cruz á heira de uma estrada,
Eu me assento na immensa serfania...
Fito no céu, com a alma allucinada,
A estrella que apparece ao fim do dia..

E' ella a mysteriosa e linda amada,
Que outr'ora com meus beijos tanto ria!
No azul se me afigura abandonada,
Perdida n'uma atroz melancholia.

Vendo-a assim tão tristonha e lacrimosa,
Eu senti as mesmas dôres que a entristec'm,
Tenho pena de vê-la tão chorosa...

Vem a noite. Ella some-se no manto...
E não vejo nos astros que apparecem,
Outra estrella no céu que brilhe tanto!

Ferreira Alves Junior

NATAL

24 de Dezembro

N'aquella noite escura, a virginal Maria,
Sentiu-se por alguém, de leve despertada,
E então, fixando o olhar, e quasi amedrontada
De subito avistou, um anjo que sorria!

Maria comprehendeu. O verbo alli queria,
Achasse o Homem-Deus, na virgem consagrada
Um coração de Mãe, um'alma immaculada,
A alimentar a vida ao Filho que nascia!

E a mãe se prosternou, e o Anjo, em plena luz,
Fel-a beijar, na frente, ao pallido Jezus!
O Christo - Redemptor, nascido n'esse instante!

E o céu se illuminou! No espaço, fulgurante,
A humanidade viu erguer-se, vacillante,
A' sombra de um altar, o lenho de uma cruz!

Joaquim Gonçalves

No Campo

Manhã, no céu, o sol intensamente brilha
Lançando beijos de ouro á carinhosa terra,
Um perfume subtil e bom, em ondas, erra
E a brisa ao perpassar, extranha harpa dedilha.

As florinhas gracios da flôr da mancenilha
Sugam avidamente o orvalho; serra em serra,
A belleza arma o seu pendão e move a guerra,
A tudo que entristece e que não maravilha.

Garrulando gazil qual se um canario fosse
Corre o claro regato e alem pelas campinas,
Pasta pausadamente um rebanho de ovelhas.

A face da alegria encrespa um riso doce,
E ante o calor solar as papoulas franzinas,
Entreabrem a sorrir as corollas vermelhas.

José Jorge das Neves.

SALÃO ALFANO

Andréa Alfano

Neste bem montado Salão, os srs. Clientes encontrarão o maximo conforto e asseio desejado, a par de um serviço de barbeiro e cabeleireiro esmerado. - Grande sortimento de Perfumarias finas, Nacionaes e Extranjeiras. - Applicação de Massagens com Vibrador Electrico - Attende chamados a domicilio.

PREÇOS MODICOS

AV. RANGEL PESTANA, 275 - S. PAULO

Pharmacia "FLORA" - DE -

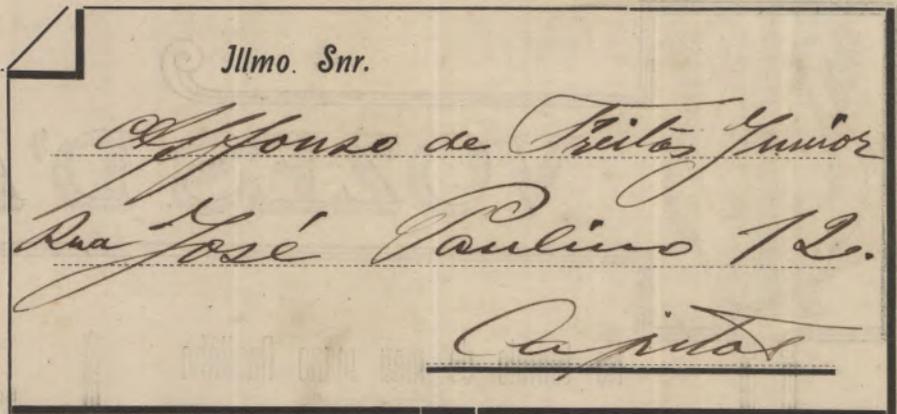
ALFREDO ALVES GRAÇA

Consultas diariamente pelos abalissados clinicos:

DR. W. GORDON SPEERS
Medico parteiro e operador
das 18 as 19 horas

DR. A. DE VASCONCELLOS
Molestias de senhoras e vias urinarias
das 15 as 16 horas

Rua da Moóca, 234 - Tel., 2354 - S. Paulo



:: Orlando de Oliveira Godoy ::

CIRURGIÃO - DENTISTA

Trabalhos de prothese dentaria, pelos processos americanos, mais modernos — Extracções completamente indolores — Obturações invisiveis á porcellana — Tratamento da pyorrhêa pela electricidade :: e pelo sôro Wright — Correção das anomalias dentarias ::

Consultas: das 8 ás 11 e das 13 ás 16 - Av. Rangel Pestana, 45 - S. Paulo

PAPELARIA BARÃO DO RIO BRANCO

- DE -

LUIZ MINGUES & COMP.

Typographia e Encadernação - Livros em Branco, Cadernos, Blocks Escolares, Objectos para Escripatorio, Carimbos de Borracha e Saccos de Papel

Av. Rangel Pestana N. 144-A

São Paulo

FABRICA DE CIGARROS - DE -

Florencio Pereira Lopes

SÃO PAULO

Fumo em corda das melhores procedencias

POÇO FUNDO

PLANETA

PALPITE

ITANHANDÚ

Em deposito permanente

Fabricante exclusivo dos cigarros

HILDA - ZÉ

TROVADOR

CARLO ERBA E

JEAN JAURÉS

PARODIA - POMPEA

VALDA - WATRY

Av. Rangel Pestana, 319

(BRAZ)

:: Telephone N. 411 ::

CAIXA do CORREIO, 13

Productos puros e de qualidade

extra superior

Fumos desfiados

das

melhores

marcas

Telegrapho N. 319

AO BARATEIRO DO BRAZ

Completo sortimento de ferragens para construcções, tintas e vernizes, trens de cosinha, louças, porcelanas, cristaes e fantasias.

O MAIOR SORTIMENTO

Por motivo da CRISE grande reduccão nos nossos preços.

Rodrigues Quaresma & C.

Av. Celso Garcia, 24 - esq. R. Progresso

Telephone, 115 - Braz